

***Kehinde*, de Buchi Emecheta: o Lar na diáspora, a diáspora como lar**

Leila Harris

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Elleke Bohemer assinala uma mudança gradual porém marcante na literatura diaspórica a partir das últimas décadas do século XX. As narrativas nacionalistas, firmemente enraizadas nos laços com a terra natal, que surgiram após os movimentos independentistas das ex-colônias, foram dando lugar a uma literatura produzida por escritores/as cujas afiliações geográficas e culturais tornaram-se mais divididas, deslocadas e incertas (2005: 225). Na literatura contemporânea produzida por escritoras migrantes, a ideologia do retorno ao lar – comumente associada ao processo diaspórico – e a própria resignificação do conceito de lar são problematizadas. As dificuldades enfrentadas por mulheres migrantes que precisam negociar entre culturas e tradições diversas, entre as práticas patriarcais do país de origem e do(s) destino(s) diaspórico(s), são agravadas pelos deslocamentos diversos que afetam suas vidas mesmo antes do deslocamento da diáspora (Friedman 2009). A narrativa não-linear de *Kehinde* (1994), da autora nigeriana Buchi Emecheta, focaliza questões de gênero no espaço da diáspora e da terra natal através da trajetória de sua protagonista. As circunstâncias de seu nascimento, infância e adolescência, o casamento, e os muitos anos que vive em Londres como sujeito diaspórico caracterizam uma existência marcada por deslocamentos. Ironicamente, o retorno à Nigéria provoca ainda mais deslocamentos, levando Kehinde a questionar e transgredir as tradições culturais/práticas patriarcais e partir em busca de seu próprio “lar”.

Palavras-chave: diáspora, gênero, lar, práticas patriarcais, transgressão

Ao focalizarmos a segunda metade do século passado, constatamos tanto em estudos teóricos como em obras literárias que os processos migratórios transformaram o pluralismo diaspórico em um fenômeno global e os destinos diaspóricos mais procurados (como Estados Unidos, Canadá e algumas nações européias) em “destinos provisórios cambiantes” (Appadurai 1996: 170-1)¹, uma vez que a movência parece ser uma das características predominantes dos processos migratórios contemporâneos. Entretanto, ainda que estejamos discorrendo sobre os processos diaspóricos de maneira geral, não podemos esquecer que, longe de serem homogêneos, estes processos variam de acordo com especificidades históricas, políticas e culturais. Da mesma forma, a acolhida (ou não) de sujeitos diaspóricos está atrelada a fatores diversos. Avtar Brah discute as relações de poder que regem as comunidades transnacionais e argumenta que “espaço da diáspora”, é uma categoria conceitual “habitada” não só por sujeitos migrantes e seus descendentes mas também por aqueles construídos e representados como “nativos” (Brah 1996: 181). Frisa ainda que as configurações de poder diferenciam as diásporas internamente assim como as situam em relação umas às outras (*idem*: 183).

Meu projeto de pesquisa atual aborda textos literários produzidos por escritoras diaspóricas contemporâneas e as considerações feitas por Sneja Gunew a respeito da relevância do termo “escrita da diáspora” para a crítica literária servem como ponto de partida para o presente trabalho. Gunew deixa claro que a condição diaspórica não implica a transgressão de taxonomias nacionais e nem concede automaticamente a quem escreve uma visão transcultural. Defende, no entanto, sua convicção sobre a natureza anômala e ambígua da experiência diaspórica e evoca a visão de Stuart Hall sobre a heterogeneidade e diversidade destas experiências (Gunew 2008: 5-6).

No livro *Colonial and Post-Colonial Literature: Migrant metaphors*, Elleke Boehmer assinala uma mudança gradual porém marcante na literatura diaspórica a partir das últimas décadas do século XX. As narrativas nacionalistas, firmemente enraizadas nos laços com a terra natal, que surgiram após os movimentos independentistas das ex-colônias, foram dando lugar a uma literatura produzida por escritores/as cujas afiliações geográficas e culturais tornaram-se mais divididas, deslocadas e incertas (Bohmer 2005: 225). Há mais de duas décadas, o antropólogo James Clifford frisava a importância de se levar em conta distinções de classe e gênero

nas discussões sobre processos diaspóricos (Clifford 1994: 313) e Gayatri Spivak apontava o papel da mulher como elemento diferenciador entre as antigas e novas diásporas (Spivak 1996: 245-246). As narrativas de caráter nacionalista assim como aquelas que privilegiam os processos de deslocamento e temas afins fazem parte da expressiva produção literária das escritoras diaspóricas. Ainda que não exista uma relação de causa e efeito entre a consciência diaspórica e a expressão literária, Wendy Walters investiga a potencialidade do elo entre deslocamento e narrativa. A pesquisadora sugere que a distância criada através do deslocamento permite que escritoras(es) abordem criticamente questões pertinentes à terra natal, e até mesmo construam/imaginem uma nova pátria e comunidade. Tal articulação da identidade diaspórica através da escrita envolve não só o fazer literário mas um ato político (Walters 2005: VIII, IX). Susan Friedman, por sua vez, parte da premissa de que a condição diaspórica estimula tanto a ficcionalização de memórias quanto aspirações em relação ao futuro e teoriza o que ela chama de uma “poética do deslocamento”, gerada através da conscientização do sujeito feminino sobre a necessidade de deixar sua casa, o reconhecimento de que o lar pode ser um local de afeto mas não ser desejado/desejável, e portanto precisa ser abandonado (Friedman 2006: 195, 205). O ato de partir se configura então como uma pré-condição para a fala, para a escrita, e para a possibilidade de autonomia.

A edição revisada de *New Key Words: A [revised] vocabulary of culture and society*, editada por Tony Bennett, Lawrence Grossberg e Meaghan Morris publicada em 2005 reflete as experiências dos sujeitos em trânsito. Pela primeira vez, o dicionário inclui o verbete “home” (lar/pátria), que ocupa cerca de duas páginas. A abrangência e ambivalência do termo se fazem presentes já na definição inicial, através dos substantivos “descanso, estabelecimento e movimento”, continuam na explicação de que se trata de um local tanto de origem como de retorno, real ou imaginário (*idem*: 162), e perduram na conclusão de que na contemporaneidade o termo abarca de maneira mais ampla e fluida as tensões entre viajar e morar, transitar e se fixar (*idem*: 164). O verbete assim como os estudos crítico-teóricos e obras literárias sobre as diásporas contemporâneas colocam em relevo o significado especial, complexo (e eu acrescentaria visceral) do termo lar/pátria para migrantes e seus descendentes. Avtar Brah, por

exemplo, além de ressaltar que nem toda diáspora está atrelada à ideologia de retorno, estabelece uma diferença entre o desejo de se sentir em casa e o desejo pelo lar/ pátria (*homing desire versus desire for a homeland*) (Brah 1996: 197).

Os imbricamentos das questões de gênero, etnia e classe social, que figuram no processo diaspórico, não ocorrem de modo uniforme e estão sujeitos às especificidades do contexto, como observamos nas representações literárias criadas por escritoras migrantes. A problematização da ideologia do retorno ao lar – *locus* associado automaticamente à mulher e a própria ressignificação do conceito de lar influenciada pelos processos diaspóricos contemporâneos – são temas abordados com frequência, refletindo uma multiplicidade de experiências. As dificuldades enfrentadas por mulheres migrantes que precisam negociar entre culturas e tradições diversas, entre as práticas patriarcais do país de origem e do(s) destino(os) diaspórico(s), são agravadas pelo que Deepika Bahri denuncia como “*o conluio do patriarcado com o colonialismo*” (Bahri 2008: 202, *ênfase da autora*).

Embora o nosso foco seja a representação da mulher enquanto sujeito diaspórico, temos consciência que quando se trata de uma família, todos são afetados, incluindo o marido e os filhos, ainda que de forma diferenciada. Vale lembrar também que a diáspora afeta os que permanecem na terra natal. Como nos lembra Spivak, a diáspora não é uma alternativa acessível a todos(as) (cf. Spivak 1996: 246). A narrativa não-linear de *Kehinde* (1994), de Buchi Emecheta, focaliza questões de gênero no espaço da diáspora e da terra natal principalmente mas não exclusivamente através da trajetória da protagonista que dá título ao romance. A multiplicidade de experiências das personagens femininas sinaliza uma narrativa onde não existem “histórias únicas” seja para as mulheres, para a Nigéria, ou para a África.²

Emecheta, nascida na Nigéria em 1944, faleceu em janeiro de 2017. Apesar da infância pobre, conseguiu graças a seu desempenho na escola, uma bolsa de estudos que lhe permitiu acesso à educação em uma instituição de prestígio. Casou-se aos dezesseis anos com o jovem a quem havia sido prometida aos onze anos. Dois anos depois, saiu de Lagos para juntar-se ao marido que fora estudar em Londres. Aos 22 anos e com cinco filhos, Emecheta havia concluído seu primeiro romance, cujo manuscrito o marido queimou. Curiosamente, várias biografias disponíveis *online*, inclusive a página

patrocinada pelo *British Council*, omitem detalhes pessoais e informam que Emecheta foi para Grã-Bretanha estudar, ignorando assim a conexão entre gênero e migração.³ Divorciada aos vinte e dois anos, Emecheta ficou responsável pelos filhos, trabalhou como assistente bibliotecária no Museu Britânico e iniciou seu Bacharelado em Sociologia em um curso noturno da Universidade de Londres.⁴

Em sua discussão das obras de Emecheta, Shalini Nadaswaran observa que Nnu Ego, protagonista de *As Alegrias da Maternidade* (*The Joys of Motherhood* 1979), demonstra força e determinação apesar de sofrer os efeitos do colonialismo sobre a mulher Igbo e só desafiar as normas culturais após a morte (Nadaswaran 2012: 147). Já *A Família* (*The Family* 1990) e *Kehinde* (1994), romances associados ao pós-colonialismo, revelam personagens femininas que desafiam os papéis de mulher, esposa e mãe como prescritos pela cultura nigeriana. Gwendolen e Kehinde, protagonistas dos respectivos romances, figuram como representações literárias de mulheres que alcançam agenciamento e subjetividade através da resignificação dos papéis que desempenham na família e na sociedade (*idem*: 150).

Kehinde, assim como outros romances de Emecheta, contém detalhes autobiográficos, uma característica bastante comum na literatura migrante, mas que não faz parte do nosso foco (cf. Smith/Watson 2010: 129-130). Ao invés disso, privilegiaremos aqui a questão do deslocamento, sob várias perspectivas, incluindo as abordagens de Susan Friedman e também o que Sandra Almeida denomina de “deslizamento das questões de gênero no espaço da diáspora” (Almeida 2015: 85).

Após examinar vários romances produzidos por escritoras diaspóricas contemporâneas, Susan Friedman aponta a violência, especialmente contra o corpo e o espírito da mulher, como elemento central nas turbulências que com frequência caracterizam o deslocamento diaspórico. Sugere, no entanto, que o deslocamento experienciado pela mulher com a diáspora começa antes da migração, no próprio lar e na terra natal, e a acompanha em seu percurso diaspórico (Friedman 2009: 23).

As condições do nascimento de Kehinde provocam os deslocamentos iniciais em sua trajetória de vida. Sua irmã gêmea que nasce primeiro, Taiwo, é natimorta e a mãe não resiste ao parto. Como na comunidade Igbo a morte de um gêmeo é considerada um indício de mau agouro, Kehinde é afastada da família, com a qual não mantém

contato por muitos anos. As circunstâncias de seu nascimento são mantidas em segredo e a menina acredita que é filha da tia com quem vive em Lagos (em uma comunidade Iorubá) e que lhe dá o nome cristão de Jacobina. Kehinde sofre assim dois deslocamentos: o afastamento da família e a troca do nome de nascença, a primeira marca identitária de todo indivíduo. Estes detalhes, no entanto, aparecem apenas no capítulo quatro do romance. A ausência de linearidade da narrativa ficcional parece colocar em relevo a temática dos deslocamentos, crucial para o desenvolvimento do romance.

Outros deslocamentos marcam a vida da personagem em sua infância e adolescência. Os enigmas em torno do seu nascimento só começam a ser desvendados quando aos cinco anos ela descobre o que até então intuía: ela era uma gêmea cuja *taiwo* havia morrido. Os detalhes sobre a morte de sua mãe só lhe são revelados aos onze anos. Quando repentinamente seu pai manda buscá-la, a menina não se dá conta que está passando por um novo deslocamento e nunca mais verá a tia que a criou. Por um breve período Kehinde mora em outra cidade com o pai, a esposa (com quem ele já vivia antes da morte da primeira mulher) e vários irmãos, mas só cria laços afetivos com Ifeyinwa, sua irmã mais velha. Os anos que passa em um colégio interno católico se constituem em outro período de deslocamento não só da família (com exceção de Ifeyinwa que se mantém próxima) como de sua própria cultura. Influenciada pelo catolicismo, Kehinde, ao crescer, rejeita a prática da poligamia, que faz parte da cultura nigeriana, e que presenciara tanto na casa do pai quanto na da irmã. Albert Okolo, o jovem nigeriano com quem se casa, também havia recebido uma educação católica e afirma ter opinião semelhante à dela.

Ainda que o primeiro capítulo de *Kehinde* (1994) não contenha uma alusão/homenagem explícita a *O Mundo se Despedaça* (*Things Fall Apart* 1958), primeiro romance de Chinua Achebe e marco da literatura africana independentista, como acontece em *Hibiscos Roxos* (*Purple Hibiscus*, 2003), de Chimamanda Ngozi Adichie, sugerimos que a estratégia utilizada por Emecheta é análoga àquela usada por Adichie quase uma década depois. A primeira frase de *Hibiscos Roxos* é: “As coisas começaram a se despedaçar lá em casa quando meu irmão Jaja não quis receber a comunhão, papai arremessou seu missal pesado para o outro lado da sala e quebrou todas as estatuetas

em cima do *étagère*” (Adichie 2003: 3).⁵ Ainda no primeiro capítulo, Adichie sugere um paralelo entre a violência na esfera familiar e aquela perpetrada contra o corpo da nação.⁶ No romance de Emecheta, “A carta”, capítulo com menos de sete páginas, marca o momento em que o mundo da família Okolo (especialmente o de Kehinde), “começa a se despedaçar”. A conexão intertextual entre os dois romances contemporâneos e a obra precursora de Achebe sinaliza a não linearidade das narrativas e coloca em destaque os incidentes catalizadores dos conflitos que norteiam os dois romances. A carta das irmãs mais velhas de Albert, que tem por objetivo persuadi-lo a retornar à Nigéria, provoca uma revolução no âmbito familiar. Apesar de não ter intenção de permanecer no destino diaspórico para sempre, Kehinde considerava o retorno à terra natal como uma vaga possibilidade em um futuro distante. Para Albert, no entanto, as ideias de retornar à terra natal, pondo um fim ao ciclo diaspórico, de aproveitar o *boom* econômico criado pela produção/ exportação do petróleo, e de desfrutar dos privilégios de um patriarca na Nigéria transformam-se em um propósito a ser alcançado com uma determinação que até então Kehinde desconhecia em seu marido.

Por serem negros e estrangeiros, as experiências de Kehinde e Albert no destino diaspórico envolvem episódios de discriminação assim como a consciência de não pertencimento. No entanto, estes episódios não figuram como grandes obstáculos à adaptação ao destino diaspórico. Ambos têm empregos estáveis e um círculo de amizades que inclui principalmente outros sujeitos diaspóricos. Com mais de quinze anos de casados e com dois filhos (que não sabem o dialeto dos pais e consideram o inglês a língua materna), o casal leva uma vida confortável, têm um carro e casa própria. O fato de Kehinde ter um emprego melhor e ganhar mais que seu marido não parece incomodar Albert. Ao comentar sobre o relacionamento harmonioso do casal, Sandra Almeida afirma: “Instala-se, assim, um jogo das relações de gênero que procura equilibrar as tradições do país de origem e as novas perspectivas adquiridas no país de destino. Ambos, no entanto sabem se tratar de uma mera performance” (Almeida 2015: 84). Almeida discorre ainda a respeito do “deslizamento das questões de gênero no espaço da diáspora” e as oscilações dos dois personagens “com relação à percepção de várias questões que estão em jogo em seu relacionamento no país estrangeiro, cada um

encenando um papel para o outro em um constante deslize e adiamento para lidarem com seus fantasmas” (*idem*: 85).

O conceito de performatividade é comumente associado à discussão de Judith Butler sobre identidade de gênero, uma vez que a teórica afirma que os atributos de gênero são performativos, constituindo – ao invés de refletirem – as identidades que efetivamente revelam (cf. Butler 1990: 140-141). Já Homi Bhabha utiliza o conceito para distinguir narrativas da nação e identificar a cisão entre o pedagógico e o performativo; ou seja, a tensão que existe entre a narrativa pedagógica de uma nação e as narrativas que as pessoas produzem na vida cotidiana como cidadãos(ãs) daquela nação (Bhabha 1998: 207). Ao discorrer sobre a “existência fronteiriça” do sujeito diaspórico, Bhabha também ressalta que é ao nível da performance que o hibridismo se materializa.

As hifenações híbridas enfatizam os elementos incomensuráveis como a base das identificações culturais. O que está em questão é a natureza performativa das identidades diferenciadas: a regulação e negociação daqueles espaços que estão continuamente, *contingencialmente*, se abrindo, retrazendo as fronteiras, expondo os limites de qualquer alegação de um signo singular ou autônomo de diferença – seja ele classe, gênero, ou raça. (Bhabha 1998: 301, *ênfase do autor*).

Proponho então que a identidade híbrida de sujeitos diaspóricos como Kehinde e Albert é performativa, influenciada por sistemas culturais diversos, e desenvolvidas a partir das experiências vividas na terra natal e aquelas construídas no espaço diaspórico.⁷ É uma concepção de identidade como uma “produção inacabada, sempre em processo e sempre constituída dentro – e não fora – da representação” (Hall 1990: 222).

No romance de Emecheta, Kehinde não se dá conta que a “performance” que encenam, cada um agindo de acordo com a expectativa do outro, é limitada ao espaço diaspórico. Ao mesmo tempo em que trata o marido com menos formalidade do que era esperado de uma esposa nigeriana, ela tem o cuidado de demonstrar deferência ao “chefe da casa”. Albert, por sua vez é cordato e não lhe poupa elogios. Podemos dizer que Kehinde se sente confortável “em casa” na relação com o marido e considera Albert “um amigo, um compatriota, um confidente” (Emecheta 1994: 6)⁸. Ele, entretanto, apesar de não demonstrar, sente-se insatisfeito, reprimido, e revela a um companheiro de trabalho, não à Kehinde, as verdadeiras razões que o motivam a retornar à Nigéria.

Quero voltar para o modo de vida que meu pai levava, uma vida comparativamente confortável para os homens, onde homens são homens e mulheres são mulheres, e o homem é respeitado. Aqui, não sou ninguém, apenas um gerente de loja. Estou cansado de ficar apenas ouvindo minha mulher e fazendo suas vontades. A única alternativa é ir a um bar, mas ficar em pé entre todos os brancos bêbados não é uma solução. Não, no meu país é melhor. Lá eu posso tomar meu drink na varanda, e as pessoas vão me dar atenção, inclusive minha mulher. (Emecheta 1994: 35)⁹

Apesar de não mencionar para o amigo, o desejo de Albert pelo estilo de vida que seu pai e amigos levavam inclui a prática da poligamia que havia condenado enquanto jovem. Como já mencionamos, Avtar Brah argumenta que nem todas as diásporas sustentam uma ideologia de retorno e frisa a diferença entre o desejo de “se sentir em casa” e o desejo pela terra natal (1996: 197). No entanto, no caso de Albert, no romance de Emecheta, os dois significados se entrelaçam. Retornar à Nigéria implica não só voltar à pátria, mas também desfrutar os privilégios reservados aos homens na cultura Igbo.

Para Kehinde, no entanto, o retorno à Nigéria, envolve mais deslocamentos na sua trajetória de vida. O desconforto inexplicável que sentira com a chegada da carta das irmãs de Albert aumenta progressivamente. Naquela mesma noite, quando Kehinde revela ao marido sua gravidez inesperada, ao invés de decidirem juntos a questão familiar como de costume, ele impõe o aborto sem levar em consideração os sentimentos da esposa. Também é Albert que decide a ordem de retorno da família: primeiro ele, depois os filhos enquanto Kehinde permanece em Londres para vender a casa e manter seu emprego. Depois de dois anos sem conseguir vender a casa e sentindo-se cada vez mais insegura com as atitudes do marido, ela decide retornar à terra natal. É então que a ideologia do retorno “se despedaça” e a conexão entre lar e pertencimento é desconstruída. A volta à terra natal implica uma readaptação às tradições patriarcais que provocam em Kehinde profundo estranhamento e desconforto. É relegada a um papel secundário na mesma casa onde Albert vive com a segunda esposa que já tem um filho e espera outro, é obrigada a tratar o marido com formalidade, e a obedecer às irmãs mais velhas de Albert, que zelam pelo cumprimento das tradições patriarcais. Suas inúmeras tentativas frustradas de conseguir um emprego a tornam ainda mais dependente do marido.

As questões de gênero na terra natal também são abordadas através de outras personagens femininas, revelando a diversidade de experiências. Rike, a segunda esposa

de Albert, é jovem, bonita, tem um Phd, e trabalha na universidade. Apesar de ter condições de levar uma vida independente, escolhe seguir as tradições culturais e fazer parte de uma relação poligâmica. Supostamente o *status* de alguém como Albert que viveu no exterior e tem uma situação financeira estável, torna o casamento – o destino prescrito para as mulheres – ainda mais atraente. Como na maioria das culturas patriarcais, as irmãs mais velhas de Albert se encarregam de transmitir e reforçar o sistema de valores da comunidade. Na realidade, o papel da mulher como transmissora de valores patriarcais não se restringe apenas às mulheres mais velhas e de classe mais abastada.¹⁰ Ifeyinwa, irmã de Kehinde, representa a mulher subalterna: vive em extrema pobreza com muitos filhos, um marido que a maltrata e que tem duas outras esposas. Seu amor e sentimento de proteção pela irmã mais nova faz com que ela tente convencer Kehinde a se adaptar às normas culturais. Quando descobre que a irmã pretende ir embora, protesta com veemência e acusa Kehinde de manchar o nome da família, mas momentos antes da partida, Ifeyinwa deixa claro que gostaria de acompanhar Kehinde e que seus protestos faziam parte do seu papel como irmã, de preservar a tradição, ou seja, a performatividade de papéis de gênero também pode acontecer fora do contexto diaspórico.

A volta de Kehinde a Londres nos remete à “poética do deslocamento”, como teorizada por Friedman e discutida anteriormente. É uma escolha, fruto da conscientização de que precisa partir, abandonar o lar/pátria para encontrar seu verdadeiro “lar”. Ela não é conduzida; não segue ninguém, apenas seu próprio caminho. Deixa para trás a ideia que carregara consigo por tantos anos de que uma mulher sem marido é incompleta, apenas meia-pessoa (Emecheta 1994: 59). Também se dá conta que fora injusta ao julgar e condenar outra conterrânea por abandonar o marido que a maltratava.

“Esta casa é minha”, sua afirmativa ao entrar na casa onde vivera por mais de quinze anos e da qual se ausentara por cerca um ano, não se refere a um espaço geográfico-político e sim pessoal. Quando mais tarde, o filho tenta tomar posse da casa e lembrá-la de suas responsabilidades como mãe e esposa, Kehinde diz que já cumpriu seu papel. Instruído pelo pai a assumir o papel de chefe da família, Joshua não desiste facilmente e se rebela, mas Kehinde se mantém firme: “Reivindicar meu direito não me

torna menos mãe ou menos mulher. Pelo contrário, torna-me mais humana”(idem: 141).¹¹

Em *The Politics of Home*, Rosemary George argumenta que a “palavra lar/casa evoca de imediato a esfera privada da hierarquia patriarcal, da identidade gendrada assim como as noções de abrigo, conforto, sustento e proteção” (George 1999). No entanto, ela chama atenção para o potencial subversivo do termo nas variadas redefinições presentes em narrativas contemporâneas de escritoras migrantes (idem: 1). A crítica também discorre sobre o sentido mais amplo da palavra casa “como o espaço geográfico maior a que pertencemos: país, cidade, comunidade” (ibidem) e para o fato de que a casa como “lugar imaginado pode ser mais facilmente associado a uma paisagem mental do que a um espaço geográfico propriamente dito” (idem: 11). Propõe ainda que o ato de imaginar este espaço é um ato tão político quanto aquele de imaginar uma nação (idem: 6).

Avtar Brah propõe que o lar/casa como “lugar mítico do desejo na imaginação diaspórica” é um lugar para o qual é impossível retornar ainda que se possa visitá-lo como espaço geográfico. Por outro lado, Brah também associa lar/casa à “experiência vivida de uma localidade” (Brah 1996: 192). No romance de Emecheta, antes do primeiro deslocamento diaspórico, o lar para Kehinde é constituído primordialmente como local de afeto – através dos laços com a figura materna (representada pela tia) e posteriormente com a irmã – até tornar-se o local formativo durante o período em que vive no colégio interno. O deslocamento diaspórico e o afastamento da terra de origem geram a necessidade de um novo “lar”, construído gradativamente e centrado na família nuclear. Ironicamente, para Kehinde, a volta à Nigéria para juntar-se à família e reestabelecer-se na terra natal, parece sustentar a ideologia do retorno, mas acaba por provocar mais deslocamentos, levando Kehinde a questionar e transgredir as tradições culturais/práticas patriarcais e partir em busca do seu “lar”, iniciando um novo percurso diaspórico.

Em meio aos variados deslocamentos – físicos, emocionais e psíquicos – que afetam a vida de Kehinde desde seu nascimento até o final da narrativa, o mais marcante é aquele que ela põe em prática ao transgredir os parâmetros comportamentais prescritos pela tradição na qual fora criada. Ao reivindicar seus direitos e tornar-se

“mais humana” (Emecheta 1994: 141), Kehinde conquista o espaço psíquico que propicia a construção de seu verdadeiro lar na diáspora.

NOTAS

¹ Todas as traduções, com exceção daquelas especificadas nas referências bibliográficas, são de minha autoria.

² Faço alusão aqui à conferência TED de Chimamanda Adichie, 20 perigo de uma história única” (“The Danger of a Single Story”). Ver referências bibliográficas.

³ <https://literature.britishcouncil.org/writer/buchi-emecheta>

⁴ <https://www.theguardian.com/books/2017/feb/03/buchi-emecheta-obituary>

⁵ No original: “Things started to fall apart at home when my brother, Jaja, did not go to communion and Papa flung his heavy missal across the room and broke the figurines on the étagère”.

⁵ Para uma discussão mais detalhada sobre *Hibiscos Roxos*, ver meu artigo *Práticas*.

⁶ Para uma discussão mais detalhada sobre *Hibiscos Roxos*, ver meu artigo “Práticas autobiográficas: a abordagem de experiências limite nas literaturas contemporâneas de expressão inglesa” (cf. bibliografia)

⁷ Para uma discussão sobre hibridismo e performatividade, ver “Julia Álvarez and the Performativity of Hybrid Identities” (cf. bibliografia)

⁸ No original: “a friend, a compatriot, a confidant”.

⁹ No original: “I want to go back to the way of life my father had, a life of comparative ease for men, where men were men and women were women, and one was respected as somebody. Here, I am nobody, just a storekeeper. I’m fed up with just listening to my wife and indulging her. The only alternative is to go to the pub, but going to stand among all those drunken whites is no solution. No, to be at home is better. There I can have my drink in the verandah, and people will pay attention to me, including my wife”.

¹⁰ Gloria Anzaldúa é uma das teóricas que afirma que a cultura é feita pelos que têm poder. Homens fazem regras e leis; as mulheres as transmitem (Anzaldúa 1999: 38). Em *Tiara* (1994), romance diaspórico de expressão portuguesa, escrito por Filomena Embaló, a protagonista afirma que as mulheres são “os pilares da transmissão das tradições”(Embaló 1999: 194).

¹¹ No original: “Claiming my right does not make me less of a mother, not less of a woman. If anything, it makes me more human.”

Bibliografia

- Adichie, Chimamanda Ngozi (2004), *Purple Hibiscus*, New York, Random House Inc.
- (2009), "The Danger of a Single Story" <http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html> (último acesso em 22 fevereiro 2018)
- Almeida, Sandra Regina Goulart (2015), *Cartografias Contemporâneas: Espaço, corpo, escrita*, Rio de Janeiro, 7Letras.
- Anzaldúa, Gloria (1999) *Borderlands/La Frontera: The New mestiza*, 2nd ed., San Francisco, Aunt Lute Books.
- Bahri, Deepika (2008), "Feminism in/and Postcolonialism", in Lazarus, Neil (ed.), *The Cambridge Companion to Postcolonial Literary Studies*. Cambridge, Cambridge University Press: 199-220.
- Bennet, Tony / Grossberg, Lawrence / Morris, Meaghan (2005), "Home", in *New Keywords: A Revised vocabulary of culture and society*, Oxford, Blackwell: 162-164.
- Bhabha, Homi (1998), *O Local da Cultura* (trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves), Belo Horizonte, Editora UFMG, [1994].
- Brah, Avtar (1996), *Cartographies of Diaspora: Contesting identities*, London, Routledge.
- Busby, Margaret (2017), "Buchi Emecheta Obituary", *The Guardian*, 3 fev. 2017, <<https://www.theguardian.com/books/2017/feb/03/buchi-emecheta-obituary>>, (último acesso em 10/09/2017).
- Butler, Judith (1990), *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*, New York, Routledge.
- Clifford, James (1994), "Diaspora", *Cultural Anthropology*, 9.3: 302-338.
- Embaló, Filomena (1999), *Tiara*, Lisboa, Instituto Camões.
- Emecheta, Buchi (1994), *Kehinde*. Long Grove, IL, Waveland Press, Inc.
- Friedman, Susan (2006), "Bodies on the Move: A Poetics of home and diaspora", *Tulsa Studies in Women's Literature*, 23.2: 189-212.

-- (2009) "The 'New Migration': Clashes, connections, and diasporic women's writing", *Contemporary Women's Writing*, Oxford: Oxford University Press, v. 3, nº 1, Jun. 2009, p. 6-27.

George, Rosemary (1996), *The Politics of Home: Postcolonial relocations and twentieth century fiction*, Berkeley, University of California Press.

Gunew, Sneja (2008), "Serial Accommodations: Diasporic women's writing", *Canadian Literature*, Spring 2008: 6-16.

Hall, Stuart (1990), "Cultural Identity and Diaspora", in Rutherford, J. (ed), *Identity: Community, culture, difference*, London, Lawrence and Wishart: 222-237.

-- (2003), "Pensando a Diáspora: Reflexões sobre a terra no exterior" (trad. Adelaine La Guardia Resende), in Sovik, Liv. (org), *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte, Editora UFMG.

Harris, Leila (2007), "Julia Álvarez and the Performativity of Hybrid Identities", *Revista da ANPOLL*, v. 22, nº X: 121-133.

-- (2009), "Espaços Discursivos, Geográficos e Afetivos na Literatura Diaspórica Contemporânea", in *A Voz e o olhar do Outro*, vol I, Rio de Janeiro, Editora Letra Capital, 36-45, <<http://www.pgletras.uerj.br/vozaroutro/volume001/index.php>> (último acesso em 22 fevereiro 2018)

Harris, Leila (2013), "Práticas Autobiográficas: A Abordagem de experiências limite nas literaturas contemporâneas de expressão inglesa", in *Feminismos, Identidades, Comparativismos: Vertentes nas literaturas de língua inglesa*, vol. XI, Rio de Janeiro, Letra Capital: 73-86.

Nadaswaran, Shalini (2012), "The Legacy of Buchi Emecheta", in *Nigerian Women's Fiction. International journal of social science and humanity*, vol. II, nº 2: 146-150.

Smith, Sidonie / Watson, Julia (2010), *Reading Autobiography: A guide for interpreting life narratives*, Minneapolis, The University of Minnesota Press.

Spivak, Gayatri (1996), "Diasporas Old and New: Women in the transnational world", *Textual Practice* (10) 2: 245-269.

Schwichow, Ekko (2017), *Buchi Emecheta Biography*, British Council, Heinemann Educational Publishers, <<https://literature.britishcouncil.org/writer/buchi-emecheta>> (último acesso 10 setembro 2017)

Walters, Wendy (2005), *At Home in Diaspora: Black international writing*, Minneapolis, University of Minnesota Press.

Leila Harris é Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista FAPERJ (Procientista). Na graduação atua no setor de Literatura Norteamericana e na Pós-Graduação em Estudos Literários, na Especialidade de Literaturas de Língua Inglesa. Tem experiência na área de Letras, com ênfase nas literaturas de língua inglesa, literatura comparada, literaturas contemporâneas de autoria feminina, estudos de gênero, classe e etnia, estudos culturais. É líder do grupo de pesquisa do CNPq A voz e o olhar do Outro: questões de gênero e/ou etnia nas literaturas de língua inglesa.